

Título: Conflitos e conciliações em torno do samba e do projeto de construção de uma identidade nacional na era Vargas

Autoria: Nayre Carolina Gomes Luz¹

Por meio do mapeamento de periódicos da década de 1930 e 1940, buscamos analisar o debate que se constituiu acerca da música popular brasileira, em especial sobre o gênero samba, no período de 1930 a 1945. Durante a era Vargas, período em que o país passa por inúmeras transformações políticas, sociais e econômicas², os periódicos especializados em música popular e a grande imprensa³, passaram a publicar alguns debates referentes à música popular brasileira.

A leitura da bibliografia do tema apontou que muitas críticas desferidas contra o samba, para além da questão musical, espelhavam forte preconceito racial e econômico com relação aos grupos sociais envolvidos na produção e circulação do gênero musical. O levantamento e a análise dos debates que circulavam nos periódicos do período, possibilitará analisar as implicações ideológicas dessas críticas. Além disso, nos permitirá compreender como o samba passou a ser considerado um artefato cultural importante para a cultura nacional, e como a mudança de atitude de parte da elite intelectual e política brasileira possui uma relação intrínseca com a valorização desse gênero pela política cultural estatal, verificado, sobretudo durante o Estado Novo.

Os periódicos que estão sendo esmiuçados nesse momento são: o jornal *Diário de Notícias*, a *Revista A Cena Muda*, a revista *O Cruzeiro* e a *Revista Brasileira de*

¹ Mestranda em História na Universidade Federal de São Paulo.

² Considero importante salientar que a chamada era Vargas, terminologia que identifica o período de 1930 a 1945, tal como usada por especialistas como Maria Helena Capelato, não deve ser entendida como um bloco hegemônico politicamente/socialmente e culturalmente. Houve consideráveis mudanças nos planos de governo ao longo dos quinze anos em que Vargas esteve na presidência do país e torna-se relevante para o trabalho observar essas diferentes etapas da era Vargas, que será melhor discutido adiante.

³ “A expressão grande imprensa, apesar de consagrada, é bastante vaga e imprecisa, além de adquirir sentidos e significados peculiares em função do momento histórico em que é empregada. De forma genérica designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro”. LUCA, Tania Regina de. “A grande imprensa na primeira metade do século XX”. In: *História da Imprensa no Brasil*. LUCA, Tânia Regina de. & MARTINS, Ana Luiza. (org.) História da imprensa no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p.149.

Musica. Porém ainda nos falta mapear outros tantos periódicos que podem vir a ter explorado o assunto⁴. Alguns desses periódicos aparecem citados em artigos e livros sobre o tema⁵, porém o que se nota é que o tema ainda não foi explorado a fundo. Buscamos, portanto um aprofundamento sobre as discussões sobre o samba que circularam em periódicos da época e visamos mapear a teia de debates e discussões que foram originados em função da importância que o samba - como ritmo musical e posteriormente até como um ritmo nacional – adquiriu durante a década de 1930 e 1940.

Além desses periódicos, pretendemos acompanhar a produção específica de alguns críticos e colunistas que protagonizaram importantes debates sobre a música popular brasileira. São eles o cronista carnavalesco *Francisco Guimarães*, o cronista *Orestes Barbosa*, e a colunista *Magdala da Gama de Oliveira*⁶.

Segundo o historiador Adalberto Paranhos:

*“No palco de disputas montado em torno dos destinos da musica popular não faltaram ataques de fundo racista. O samba de morro, por exemplo, ficou sob a alça de mira de articulistas inconformados com a propagação dessa ‘coisa de negros’. Um deles, Almirante Azevedo, pegava pesado contra esse estilo de samba ao escrever, em março de 1935, na revista A voz do Rádio”*⁷

⁴ Outros periódicos também serão analisados; *Revista da Associação Brasileira de Música*, *Noticiário Riciordi* e a *Revista Cultura Política*.

⁵ Cf. NAPOLITANO, Marcos. “Sambistas ou arianos? A crítica racista e a higienização poética do samba nos anos 1930 e 1940”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci e CROCI, Frederico. *Tempos de fascismos: Ideologia – Intolerância – Imaginário*. São Paulo: Editora da USP, Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado de São Paulo: 2010. p. 421-2; GARCIA, Tania da Costa. “Madame existe”. In: *Revista da faculdade de comunicação da FAAP*. nº 9 - 2º semestre de 2001, disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/artigos_madame1.htm. acessado em: 07/04/2014; PARANHOS, Adalberto. “A invenção do Brasil como terra do samba: Os sambistas e sua afirmação social”. p.108.

⁶ Sabemos que Francisco Guimarães foi um importante cronista do período e chegou a escrever um livro com suas crônicas a respeito do samba; Orestes Barbosa também foi redator do jornal *A Hora* e assim como Francisco Guimarães, escreveu um livro sobre suas experiências nas rodas de samba; Magdala da Gama Oliveira foi colunista do jornal *Diário de Notícias* e responsável por importantes debates durante o período.

⁷ PARANHOS, Adalberto. Op. Cit., p.97.

A formação de uma identidade nacional tecida a partir dos elementos populares das camadas economicamente desfavorecidas, da população brasileira, gerou muitos conflitos entre os que defendiam o samba como símbolo nacional, e os que o atacavam desprezando esse gênero musical.

A partir da década de 1930, alguns elementos culturais antes rechaçados pelas elites, passaram por uma (re)valorização. A música popular foi um desses elementos eleitos e incorporado ao projeto de construção de uma identidade nacional, porém isto se deu num terreno bastante conflituoso. Nesse contexto, o gênero musical samba deixou de ser meramente uma música popular e alçou à condição de música “nacional”, e isto fica ainda mais evidente durante o Estado Novo, quando ocorre uma aproximação entre o gênero samba e o Estado brasileiro com o “subgênero” intitulado de “samba exaltação”⁸.

Para a análise de nosso objeto torna-se necessário observar como a formação do nacionalismo brasileiro a partir da década de 1930 seleciona alguns elementos culturais das camadas populares e os incorpora a um determinado discurso sobre a identidade nacional brasileira. O samba tornou-se um desses elementos que, incorporado ao nacional, passou a ser amplamente divulgado, com apoio estatal, especialmente após o Estado Novo, em todo o território brasileiro.

Evidentemente essa incorporação, como já foi dito anteriormente, se deu em meio a disputas e conflitos, e muitas opiniões, como já frisamos, expressavam grande carga de preconceito racial, tendo em vista que o samba trazia fortes traços da cultura negra e do grupo social em boa parte constituída pela parcela da população egressa recentemente da escravidão. Napolitano destaca que:

⁸ O samba, desde as suas primeiras gravações até a década de 1930, foi passível de muitas transformações e comportou muitas ramificações internas, transitando por “subgêneros” que vão do samba-enredo, samba-canção ao samba exaltação. O samba exaltação é bastante peculiar por sua grandiloquência e sofisticação dos arranjos orquestrais. Sua produção foi muito incentivada durante o Estado Novo devido a suas letras ufanistas. Cf. FURTADO FILHO, João Ernani. “Samba Exaltação: Fantasia de um Brasil Brasileiro”. In: MORAES, José Geraldo Vinci de; SALIBA, Elias Thomé. (org.). *História e Música no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2010.

“(...)a nacionalização do samba e sua incorporação como parte da política cultural do governo Vargas foi precedida de um grande debate na sociedade, entre aqueles que defendiam o gênero e aqueles que o atacavam. Os detratores do samba são exemplos de intolerância racial, ao ligar aquela manifestação musical a um “africanismo” que deveria ser extirpado da cultura brasileira. Outras vozes, até aceitariam o samba como veículo de lazer e educação cívica das massas, desde que “higienizado” poética e musicalmente. O que, em última instância, implicava na instauração de um decoro artístico obtido à base de censura e cooptação”⁹.

Sendo assim, buscamos contribuir para a ampliação do enfoque acadêmico acerca da construção da identidade nacional, e de como o gênero samba pôde tornar-se um elemento primordial, segundo o discurso oficial, problematizando de que maneira se deu essa incorporação e abordando a relação da sociedade com o gênero musical que, partindo do eixo sudeste, foi tomado como cultura nacional, atitude que, em certa medida, relegou a segundo plano as culturas “regionais” do país¹⁰.

O processo de construção da identidade nacional e os debates que o cercaram foram intensos desde a Abolição da escravidão e da Proclamação da República¹¹. As

⁹ NAPOLITANO, Marcos. “Sambistas ou arianos? A crítica racista e a higienização poética do samba nos anos 1930 e 1940”. p.421-422.

¹⁰ “Foi nos anos 30 que o samba carioca começou a colonizar o carnaval brasileiro, transformando-se em símbolo de nacionalidade. Os outros gêneros produzidos no Brasil passaram a ser considerados regionais”. VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora: UFRJ, 2007. p.111.

¹¹ Alguns desses debates podem ser encontrados na produção de intelectuais, escritores, políticos e cientistas, ao longo das últimas décadas do século XIX e início do século XX. Autores como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Manuel Bonfim, Gilberto Freyre, dentre outros, abordaram o assunto em questão. O tema presente em todos eles é sobre a constituição do povo brasileiro e principalmente sobre *quem são esses brasileiros?* Cada um desses intelectuais chegou a conclusões diferentes e variadas sobre o tema, mas que foram extremamente relevantes para a compreensão do debate que se gerava acerca da constituição da população brasileira. Para um aprofundamento sobre o assunto ver bibliografia: NAXARA, Marcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: Representações do Brasileiro 1870-1920*. Editora Annablume, 1998; OLIVEIRA, Lucia Lippi.. “Questão Nacional na Primeira República”. In: COSTA, Wilma Peres & LORENZO, H. (orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.pp.185-193; SKIDMORE, Thomas E. *O Brasil Visto de Fora. Criadores de mitos: os arquitetos da identidade nacional brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994; VELLOSO, Monica Pimenta. “O modernismo e a questão nacional”. In: DELGADO, L. De A. N. e FERREIRA, J. *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente. Da proclamação da República à Revolução de 1930*. Vol. I. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2011.pp.351-386; VENTURA, Roberto. “Um Brasil mestiço: raça e cultura na

concepções de boa parte dos intelectuais, no final do século XIX, apontavam de forma negativa o futuro da nação por esta ser formada majoritariamente por uma população mestiça. Segundo Roberto Ventura:

“Os letrados se mostravam divididos entre a valorização dos aspectos originais do povo brasileiro e a meta de se construir uma sociedade branca de molde europeu. Adotavam teorias sobre a inferioridade das raças não-brancas e das culturas não-européias, ao mesmo tempo que buscavam as raízes da identidade brasileira em manifestações compósitas e mestiças”¹²

A percepção de povo e nação evidentemente alterou-se profundamente durante as primeiras décadas do século XX e isto, em alguma medida, possibilitou que as manifestações culturais advindas dos grupos de mestiços e negros pudessem, paulatinamente, passar por um processo de valorização pela elite intelectual e política brasileira.

O que se nota, portanto, ao longo das três primeiras décadas do século XX, é um esforço por parte do Estado e da sociedade¹³, de construção e propagação de alguns ícones representativos de uma identidade nacional que foram gradativamente associadas ao samba e ao carnaval. É justamente durante a década de 1930 que tal associação se torna mais significativa, já que, antes disso, o samba percorreu um árduo caminho de negação e repressão pelas autoridades brasileiras¹⁴.

passagem da monarquia à República”. In: MOTA, Carlos Guilherme (org), *Viagem Incompleta: A Experiência Brasileira (1500-2000)*. Senac, São Paulo: 2009

¹² VENTURA, Roberto. Op. Cit, p.331.

¹³ Quando nos referimos à sociedade estamos observando os diversos grupos sociais que fizeram parte desse processo de valorização e propagação do samba. Para a compreensão desse processo cabe nos reportarmos ao conceito de “mediação cultural”. Os mediadores culturais foram figuras imprescindíveis na difusão do samba nos diferentes espaços e entre as distintas classes sociais. Eles promoveram uma aproximação de dois universos culturais, o erudito e o popular, e contribuíram, portanto, pela assimilação do samba como parte da cultura nacional brasileira. VIANNA, Hermano. Op.Cit.,p.42.

¹⁴ A título de exemplo vale a pena citar um caso peculiar ocorrido com o sambista João da Baiana. “Certa noite, João da Baiana foi convidado para ir a uma festa no palácio do senador Pinheiro Machado, um dos mandachuvas da política na época. Acabou não comparecendo por ter sido preso pela polícia na Festa da Penha. Acusação: levava um pandeiro a tiracolo”. DINIZ, André. *Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar: 2006. p.24.

São justamente os debates em torno desse processo de valorização e rejeição do samba que visamos investigar. Algumas questões centrais nos motivam à realização dessa pesquisa: *Quem eram as pessoas que defendiam ou condenavam o samba como um gênero que viria a caracterizar o nacional? Qual o perfil dos periódicos analisados? Qual foi o papel do Estado nesse embate? De que forma as produções artísticas dos compositores e intérpretes do gênero dialogavam com esses debates? Que elementos contribuíram para que o samba fosse alçado pela política cultural governamental, a partir do Estado novo, à categoria de ícone nacional?*

O interesse pelo período histórico tratado - a era Vargas - e pela valorização do samba como ícone nacional - surgiu durante o desenvolvimento de uma monografia de conclusão de curso¹⁵. Ao longo desta, buscamos analisar como se deu o processo de transformação do discurso do sambista no meio social no qual ele estava inserido. Analisamos, por meio das fontes musicais que serviram como suporte documental para o trabalho, a transformação temática nas letras e problematizamos a relação entre o Estado e os sambistas, (especialmente após o Estado Novo). Iniciamos com tal pesquisa uma análise aprofundada dos debates presentes em jornais, revistas especializadas e na mídia em geral, em torno da aceitação e rejeição do samba como símbolo da identidade nacional, visando compreender como e por que se deram determinados conflitos, o que havia por trás dos mesmos, bem como a mudança de atitude de parte da elite, que deixou de rechaçar essa expressão musical popular e passou a valorizá-la.

Boa parte das fontes que serão utilizadas está disponível em plataformas digitais, e outra parte encontra-se nos arquivos da Biblioteca Nacional e do CPDOC, ambas localizadas na cidade do Rio de Janeiro.

Até o momento foram analisadas as seguintes fontes: a revista *A Scena Muda* e o jornal o *Diário de notícias* disponível na plataforma digital da Hemeroteca digital brasileira, e parte da revista *O Cruzeiro*.

¹⁵ Monografia intitulada: *O samba e a Era Vargas: a contribuição da música popular na formação da identidade nacional brasileira*. Apresentada em maio de 2013 como trabalho de conclusão de curso à Universidade Federal de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado/Licenciatura em História sob orientação da Profa. Dr^a. Wilma Peres Costa.

Consideramos imprescindível identificar os “sujeitos” que falam e aparecem nessas discussões, buscando atentar-se para: *Quem são esses colunistas? Os nomes desses colunistas aparecem explicitamente? De onde eles falam? Eles possuíam algum envolvimento assumido com algum grupo social específico? Há uma variação de nomes que escrevem sobre o assunto na revista, ou no jornal? O jornal ou a revista coloca-se ideologicamente de maneira franca?* Estas serão algumas questões que permearão a análise.

Quanto aos cronistas selecionados, convém ressaltar, que esta escolha se deu por estes serem bastante significativos para o objetivo da pesquisa. O Jornalista Francisco Guimarães, conhecido como Vagalume foi pioneiro no relato do “universo” do samba, desde as primeiras décadas do século XX na cidade do Rio de Janeiro.

“falo de figuras como Vagalume (sic) (Francisco Guimaraes, 188?-1946), negro nascido no Rio de Janeiro, capitão honorário da Guarda Nacional, jornalista que manteve colunas semanais no jornal do Brasil e n`A Tribuna desde os primeiros nos do século XX, onde tratava de trazer à tona o ambiente da cultura popular, dos locais e os relatos sobre personagens do Distrito Federal por meio dos quais as novas manifestações tomavam lugar”¹⁶.

Orestes Barbosa por sua vez, também foi um importante cronista e assim como Vagalume, é uma referencia midiática imprescindível para a análise. Porém este era “branco também nascido no Rio de Janeiro era oriundo de um família de classe média decadente de Vila Isabel, ao contrario de Vagalume”¹⁷. Ressalto essas diferenças entre esses dois cronistas, pois isto vai se refletir na maneira como ambos irão encarar o samba e sua difusão massificada a partir da década de 1930.

Vagalume desejava definir o que era samba, e acabou por definir o “verdadeiro samba”, aquele do morro, que não circulava nas rádios e na indústria fonográfica, e que de certa forma ainda mantinha-se no seu “local de origem” e com seus “verdadeiros

¹⁶ FERNANDES, Dimitri C. “E fez-se o samba”: Condicionantes intelectuais da musica popular no Brasil. *Latin American Music Review*, Volume 32, Number 1, Spring/Summer 2011, pp.39-58. p .43.

¹⁷ Ibidem, p.45.

criadores”, isto é os negros e mestiços da capital. Enquanto isso, Orestes Barbosa era ligado ao samba veiculado nas rádios, e “acreditava que o rádio consistia em ótimo instrumento para dar a conhecer o ‘verdadeiro’ ritmo carioca, ‘a identidade mais brasileira de todas’”¹⁸. Esse embate presente na postura de dois dos grandes articulistas da época serve como um apontamento de como os relatos das crônicas não são neutras e destituídas de juízo de valor.

É evidente que o suporte material também deve ser considerado como algo a ser analisado, e devemos ter o devido cuidado de não nos atentarmos apenas para o conteúdo presente nas fontes. Os jornais e revistas são suportes materiais que requerem também uma atenção particular e embora não sejam o objeto de estudo da pesquisa, eles serão o meio que possibilitarão alcançar os objetivos propostos no trabalho de análise, portanto, cabe uma atenção especial quanto ao tratamento das fontes selecionadas, considerando não apenas o seu conteúdo, mas também o seu suporte.

Os periódicos no fim do século XIX possuíam um cunho político e circulavam geralmente com a intenção de propagar alguma ideologia, tendo muitas vezes vida curta e esporádica. Com as modernizações no ramo, no início do século XX, os jornais e revistas passaram por transformações. Surgiram muitos periódicos semanais com temas especializados:

*“Sem abandonar a luta política, os diários incorporaram outros gêneros, como notas, reportagens, entrevistas, crônicas e, ao lado da produção ficcional, que só lentamente perdeu espaço nos grandes matutinos, compareciam os inquéritos literários. Surgiram seções especializadas, dedicadas ao público feminino, esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária, assuntos policiais e internacionais. Aos poucos delineava-se a distinção entre matéria de caráter informacional ou propriamente jornalística, supostamente neutra objetiva, e o texto de opinião, que tomava posição e defendia idéias e valores”*¹⁹.

¹⁸ Ibidem, p.46.

¹⁹ : LUCA, Tânia Regina de.& MARTINS, Ana Luiza. (org.) *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.p152.

Seria um engano considerar - por mais neutro e imparcial que um periódico se intitule, que os agentes envolvidos na produção, redação etc., não tenham pontos de vista específicos e condutas que dialoguem com algum grupo político, social e cultural determinado²⁰. Sendo assim, buscaremos considerar diversos aspectos dos periódicos, tais como: o projeto editorial e gráfico, a natureza do conteúdo que pretende articular em seu projeto, a extensão da sua circularidade, os grupos produtores (redatores, jornalistas, etc.) envolvidos e a massa de leitores que eles almejam atingir. Ainda é cedo para concluir como exatamente essas últimas etapas da pesquisa serão atingidas, mas são questões que serão pensadas durante o andamento do trabalho, levando-se em conta também a análise do suporte material.

Outro aspecto que torna a materialidade do objeto – jornal e revista – relevante para a pesquisa é o fato deles, dialogarem com o projeto político do nacionalismo. Segundo destaca Anderson (2008), o nacional está pautado na identificação étnica, racial e/ou cultural, e esta identificação possui um projeto comunitário imaginado e limitado dentro de um espaço temporal. Ele aponta que o Romance e o Jornal (na era da reprodutibilidade técnica) foram suportes materiais imprescindíveis na gênese da comunidade imaginada, pois estes materiais representavam essa comunidade imaginada correspondente à nação, aflorando a percepção social de pertencimento a uma comunidade. O elemento que mais catalisou e frutificou essa busca de uma nova maneira de unir significativamente a fraternidade, o poder e o tempo foi o capitalismo editorial, pois permitiu que um número cada vez maior de pessoas, se relacionasse e participasse da mesma “comunidade” por meio das notícias e informações a respeito da comunidade.

Observando a construção do nacionalismo brasileiro por esse viés, podemos notar que o projeto nacionalista construído durante a era Vargas, e acentuadamente durante o Estado Novo, utilizou-se dos meios de comunicação e da propaganda para difundir um determinado discurso nacional. A imprensa, as rádios e os registros

²⁰ CRUZ, Heloísa Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Na oficina do historiador: conversa sobre História e imprensa”. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007. p. 260.

fonográficos fizeram parte desse processo, seja no que concerne a sua aceitação, seja no que diz respeito a sua rejeição. Foram, portanto, suportes materiais extremamente relevantes nesse processo de seleção, difusão e debate do ideário nacional.

Através do breve levantamento dos debates feitos até agora, e por meio da leitura da bibliografia sobre o assunto, pudemos notar a partir destes episódios as tensões e conflitos que permearam a esfera da política cultural. O universo do samba se transformou, portanto, numa arena de disputas ideológicas que muito nos interessa mapear e compreender historicamente. Os desfiles das escolas de samba, além de interessar ao poder público, também mobilizaram órgãos da imprensa, que é o objeto de análise da pesquisa.

Sendo assim, busco contribuir para a ampliação do enfoque acadêmico acerca da construção da identidade nacional, e de como o gênero musical *samba* pôde tornar-se um elemento primordial, segundo o discurso oficial e segundo a intenção de grupos sociais envolvidos nesse projeto, problematizando de que maneira se deu essa incorporação e abordando a relação da sociedade com a música popular, que a partir da disseminação da fonografia e do rádio, tornou-se um elemento cultural extremamente significativo e lucrativo. Entretanto não devemos deixar de demonstrar como o “projeto cultural e político” homogêneo preconizado sobretudo durante o Estado Novo, relegou a segundo plano os ritmos musicais de outras regiões do país, já que aquilo que se tomou por nacional, partiu do eixo sudeste²¹.

É provável que algumas questões que norteiam a pesquisa, transformem-se durante o tratamento com as fontes. A questão racial e de classe não é em si uma novidade entre aqueles sujeitos que não viam com bons olhos a nacionalização da música popular associada às camadas pobres, mestiças e negras do país, assim como o fato de que a importância que a música popular vinha conquistando naquelas primeiras décadas do século XX, deflagra de alguma forma a resistência por parte de alguns

²¹ “Foi nos anos 30 que o samba carioca começou a colonizar o carnaval brasileiro, transformando-se em símbolo de nacionalidade. Os outros gêneros produzidos no Brasil passaram a ser considerados regionais”. VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. 2007. p.111.

setores da sociedade em aceitar a disseminação de uma música menos prestigiada do que a erudito-clássica.

O que buscamos mapear, portanto, são justamente as tensões e conflitos presentes nesses debates, observando nas falas e ações dos sujeitos históricos uma interação na busca da consolidação dessa música popular e do projeto nacional que estava fortemente relacionada a esse processo de construção de uma identidade homogênea, descartando uma análise esquemática que vê a nacionalização do samba como mera manipulação por parte do Estado.

Bibliografia

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas In: *Dialética do esclarecimento. Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 1985.

ALVES, Diego Ramiro Araoz. “Uma reflexão sobre a crítica cultural na crônica de Francisco Guimarães”. *SINAIS - Revista Eletrônica*. Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.07, v.1, Junho. 2010. pp. 41-61.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, Orestes. *Samba - Sua História, Seus Poetas, Seus Músicos e Seus Cantores*, Livraria Educadora, Rio, 1933.

CABRAL, Sérgio. *Escolas de Samba do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: 1996. Editora: Lumiar.

_____. “Getúlio Vargas e a música popular brasileira” In: *Ensaio de Opinião*, vol.2 (2-1), p.36-41, s/d.

CANCLINI, Néstor Garcia. “Entrada”; “Das Utopias ao Mercado” “Contradições Latino-Americanas”. In: *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2003. p.17-97.

CAPELATO, Maria Helena. “O Estado Novo: o que trouxe de novo?” In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves & FERREIRA, Jorge. (orgs.) *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Vol. II. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2003 pp.107 – 143.

_____. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto, 1988.

_____. “Populismo latino-americano em discussão”. In FERREIRA, Jorge (org) *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 125-165.

CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. *Estudos Avançados* 11 (5), p.172-191, 1991.

DIDIER, Carlos. *Orestes Barbosa, Repórter, Cronista e Poeta*. Rio de Janeiro. Editora Agir: 2005.

DINIZ, André. *Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar: 2006.

FARIA, Guilherme José Motta. “O ESTADO NOVO DA PORTELA: circularidade cultural na Era Vargas” Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.06, n.1, p.125-138, 2009.

FERNANDES, Dimitri C. “E fez-se o samba”: Condicionantes intelectuais da música popular no Brasil. *Latin American Music Review*, Volume 32, Number 1, Spring/Summer 2011, pp.39-58.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. “A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930” In: DELGADO, L. De A. N. & FERREIRA, J. (orgs.) *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente*. Vol. I. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2011, pp.387-416.

FURTADO FILHO, João Ernani. “Samba Exaltação: Fantasia de um Brasil Brasileiro” In: MORAES, José Geraldo Vinci de. & SALIBA, Elias Thomé. (orgs.). *História e Música no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2010.

GARCIA, Tania da Costa. “Madame existe”. In: Revista da faculdade de comunicação da FAAP. nº 9 - 2 semestre de 2001, disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/artigos_madame1.htm.: acesso em: 07/04/2014.

GOMES, Angela de Castro Gomes. (Org.) *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

_____. *A invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

HOBSBAWN, Eric. J. *Nações e Nacionalismo. Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1990.

LAHUERTA, M. “Os intelectuais e os anos 20: Moderno, Modernista, Modernização” In: COSTA, Wilma Peres & LORENZO, H. (orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.pp.93-114.

LUCA, Tânia Regina de. & MARTINS, Ana Luiza. (org.) *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

_____. “Periodismo cultural: a trajetória da Revista do Brasil”. In: ABREU, Marcia. & SCHAPOCHNIK, Nelson. (org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: 2005.

_____. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla. (org) *Fontes históricas*. São Paulo. Ed. Contexto, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios as Mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MATOS, Claudia Neiva de. *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MOREIRA, Sonia Virginia & SAROLDI, Luiz Carlos. *Radio Nacional: O Brasil em sintonia*. Rio de Janeiro: Martins Fontes/Funarte: 1988 – 2ª edição.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração: 1995.

NAPOLITANO, Marcos. “A História depois do papel” In: Pinsky, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *A Síncopa das Ideias, a questão da tradição na música popular brasileira*. São Paulo, Editora: Perseu Abramo, 2007.

_____. “Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.20, nº39, p.167-189. 2000.

_____. “História e Música Popular: um mapa de leituras e questões”. In: *Revista de História* 157: 2007 pp.153-171.

_____. “Sambistas ou arianos? A crítica racista e a higienização poética do samba nos anos 1930 e 1940”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci & CROCI, Frederico. *Tempos de fascismos: Ideologia – Intolerância – Imaginário*. São Paulo: Editora da USP, Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010. pp.421-432.

NAXARA, Marcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: Representações do Brasileiro 1870-1920*. Editora Annablume, 1998.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. "Questão Nacional na Primeira República". In: COSTA, Wilma Peres & LORENZO, H. (orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paulo: Editora Unesp, 1997. pp.185-193.

ORTIZ, Renato. *Cultura popular: Românticos e Folcloristas*. São Paulo: Editoran Olho d'água, 1992.

PANDOLFI, Dulce. (Org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

_____. "Os anos 1930: as incertezas do regime". In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves & FERREIRA, Jorge. (orgs.) *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Vol. II. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2003 pp.13-37.

PARANHOS, Adalberto. "A invenção do Brasil como terra do samba: Os sambistas e sua afirmação social". In: *Historia*, São Paulo, v.22, n.1, pp.81 a 113, 2003.

SANDRONI, CARLOS. *Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917 – 1933)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. UFRJ, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (1995). "Complexo de Zé Carioca: Notas sobre uma identidade Mestiça e Malandra". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 29, pp.49-63.

TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo, Editora 34: 1998.

_____. *Do gramofone ao rádio e TV*: São Paulo, Editora Ática, 1981.

SKIDMORE, Thomas E. *O Brasil Visto de Fora. Criadores de mitos: os arquitetos da identidade nacional brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SEVCENKO, Nicolau: "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio" In: *História da Vida Privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELLOS, Gilberto & SUZIKI Jr, Matinas. "A malandragem e a formação da música popular brasileira" In: FAUSTO, Boris (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Vol. 11 (Brasil Republicano: Economia e Cultura). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995 (3ªed.), pp. 501-524.

VELLOSO, Monica Pimenta. “O modernismo e a questão nacional”. In: DELGADO, L. De A. N. & FERREIRA, J. *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente. Da proclamação da República à Revolução de 1930*. Vol. I. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2011.pp.351-386.

VENTURA, Roberto. “Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à República”. In Carlos Guilherme Mota (org), *Viagem Incompleta: A Experiência Brasileira (1500-2000)*. , São Paulo: Senac, 2009.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora: UFRJ 2007.